

A Fundação do Rio de Janeiro: Gonçalo Coelho, Villegagnon ou Estácio de Sá ?

*Vasco Mariz**

Por ocasião dos festejos do 5º centenário do Descobrimento do Brasil ocorreram paralelamente vivos debates sobre a fundação do Rio de Janeiro, à luz de recentes pesquisas e estudos publicados na França e no Brasil. A inegável comprovação da existência da efêmera cidade de Henryville, fundada por Villegagnon no início de 1556, na praia do Flamengo, como a capital da França Antártica e que só durou quatro anos, pareceria dar clara preferência ao almirante francês como o fundador do Rio de Janeiro. Entretanto, como Henryville não teve continuidade, essa prioridade reconhecida por vários historiadores a Villegagnon está sendo contestada pelos defensores de Estácio de Sá. Ele efetivamente fundou a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro a 1º de março de 1565, em local provisório, em uma língua de terra junto ao Pão de Açúcar. E o que dizer de Gonçalo Coelho, que fundou a feitoria da ilha do Governador bem antes, em 1504?

Seja como for, essas prioridades de fundação da cidade são bastante relativas. Hoje parece mesmo inegável que Villegagnon fundou a “primeira aglomeração urbana européia na Guanabara”, que não vingou, pois - indefesa - foi destruída por Mem de Sá em março de 1560. O local aproximado de Henryville, que está registrado nos mapas da Guanabara de André Thevet, publicados em 1575, ficava na praia do Flamengo, onde a linha d’água era então bem mais recuada do que hoje em dia e passava aproximadamente pela atual rua Senador Vergueiro, praça José de Alencar e rua do Catete. Henryville estava nas margens do rio Carioca, que hoje corre por baixo da

rua Barão do Flamengo e era a única reserva de água doce disponível e permanente de toda a região. Estácio de Sá fundou o Rio de Janeiro a 1º de março de 1565, povoação que mais tarde, em 1567, depois da derrota final dos franceses, foi transferida para local mais apropriado e seguro, no morro do Castelo e adjacências, por ordem de Mem de Sá.

No entanto, não devemos esquecer que, bem antes, em 1504, Gonçalo Coelho fundara uma feitoria (ou *torre*, como se dizia na época) em Paranápua, a nossa atual ilha do Governador, na ponta do Matoso, lá deixando 24 portugueses e numerosos indígenas amigos. Era um início de implantação comercial lusitana, sob a responsabilidade do arrendatário Fernão de Noronha. Não há notícias de quanto durou essa primeira tentativa de colonização européia da baía da Guanabara, talvez poucos meses apenas, pois supõe-se que uma armada espanhola de passagem teria desmantelado essa feitoria e levado ao toros de pau-brasil ali acumulados à espera de um nau portuguesa. Outra hipótese seria de que a frágil feitoria e seus poucos habitantes tenham sido destruídos por um grande ataque indígena. Alguns autores chegaram até a localizar essa feitoria *fora* da baía da Guanabara, em Cabo Frio. Entretanto, agora a existência dessa *torre* na Ponta do Matoso foi comprovada graças às recentes pesquisas realizadas no local pela equipe da arqueóloga Maria Beltrão, que encontrou evidentes vestígios de fundações européias e não indígenas no local. Então essa foi a primeira tentativa de instalação européia na Guanabara, mera feitoria com um punhado de habitantes e não uma verdadeira povoação e futura cidade como Henryville.

Temos assim três datas e três prioridades de fundação da primeira aglomeração urbana européia na Guanabara: 1) em 1504, na ilha do Governador, na Ponta do Matoso, a citada *torre* instalada por Gonçalo Coelho e Américo Vespucci., onde deixaram 24 portugueses e numerosos indígenas. 2) no início de 1556, na praia do Flamengo, a futura cidade de Henryville, cuja existência está comprovada pela carta de Villegagnon ao Duque de Guise, que está em nosso Museu da Marinha, e também pelo panfleto do pastor francês Richer, onde ele protestava contra a vida dissoluta dos franceses em Henryville, e ainda pelo registro do local exato da futura capital da França Antártica nos mapas da Guanabara de André Thevet. A povoação de Henryville, por ocasião do ataque de Mem de Sá em março de 1556 deveria ter cerca de 500 habitantes, dentre eles cem a duzentos franceses. 3) a 1º de março de 1565, na Urca, a cidade formalmente fundada por Estácio de Sá. São Sebastião, antes de sua transferência para o morro

do Castelo, deveria ter uma população de cerca de duzentos portugueses e numerosos indígenas. Portanto, nenhum dos três pontos *iniciais* de colonização sobreviveu: os dois primeiros foram destruídos *manu militari* e o terceiro, o de Estácio de Sá, foi transferido voluntariamente para local mais amplo e mais seguro, a salvo de eventuais ataques inimigos.

Villegagnon tem sido badaladíssimo nos últimos anos e até homenageado em sua cidade natal, Provins, pela Marinha de Guerra brasileira, com um obelisco fabricado com pedras provenientes da ilha que, até hoje, leva o seu nome. Em bela cerimônia, assistida por altas autoridades francesas, o obelisco foi inaugurado a 1º de agosto de 2000 pelo embaixador do Brasil na França, Marcos de Azambuja, sócio do IHGB. Vários livros têm focalizado a França Antártica aqui e na França, entre os quais *Rouge Brésil*, de Jean Christophe Rufin, que obteve o Prêmio Goncourt de 2001 e já vendeu 500.000 exemplares, com repercussão mundial. Por isso, parece-me oportuno recordar a nebulosa personagem de Estácio de Sá, até aqui merecedor de justas homenagens e também alvo de alguns ataques apaixonados. Um conhecido jornalista carioca chegou a chamá-lo de “menino bobo”...

A polêmica repercutiu em Portugal e a Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro, foi solicitada a promover um seminário para fazer-lhe um desagravo. No entanto, Estácio é mesmo personagem nebuloso, pois até o eminente historiador português Dr. Joaquim Veríssimo Serrão (1) fez restrições à sua memória. Escreveu ele: “A verdade é que o grau de noviço da Ordem de Cristo era atribuído a um *homem apagado*, apenas o sobrinho do governador”. Outro conhecido historiador português, Dr. Jorge Couto, professor do Departamento de História da Universidade de Lisboa, em seu estudo *O conflito luso-francês pelo domínio do Brasil até 1580* (2), menciona apenas *en passant* o nome de Estácio de Sá. Afirma apenas que ele fora o mensageiro de seu tio, em 1560, para anunciar à corte portuguesa a queda do bastião francês e, mais adiante, que Estácio comandava dois galeões que chegaram à Guanabara em 1564. É inegavelmente pouco, pois nem se deu ao trabalho de mencionar seu papel essencial na fundação do Rio de Janeiro. Jorge Couto nos relata, porém, uma novidade: a data de nascimento de Estácio: *circa*. 1520, o que é uma informação significativa, novidade não comprovada.

No entanto, o Padre José de Anchieta, que esteve presente, em 1560, na batalha que teria ocorrido por ocasião da queda do forte Coligny e também

esteve na Guanabara nos primeiros dias após a fundação da cidade em março de 1565, dá maior relevo a Estácio de Sá.. Afirmou ele em carta ao Padre Geral de São Vicente que “Estácio de Sá nunca descansava, nem de dia nem de noite”. Foram 22 meses de lutas constantes com os tamoios e os franceses, que tudo fizeram para que o capitão-mor desistisse de fixar-se ali e regressasse à Bahia ou a São Vicente. Estácio teria sido incansável não só para reforçar o perigoso e vulnerável local onde se instalara, mas também fez estabelecer roças para que pudesse alimentar os habitantes da novel povoação. Estácio concedeu nada menos de 50 sesmarias aos seus melhores colaboradores e ele mesmo possuía terras na região. Jorge Couto acrescenta que ele instalou a Câmara Municipal, criou o brasão da cidade, nomeou os titulares de cargos administrativos, judiciários e religiosos, e fundou ainda um colégio jesuíta.(3).

O sobrinho de Mem de Sá havia chegado a Salvador em 1557 muito jovem ainda, talvez com menos de 20 anos, tão incerta é a sua data de nascimento. Depois da tomada do forte Coligny, ele foi enviado a Portugal para dar a boa nova à corte portuguesa e pedir reforços para expulsar os franceses remanescentes, que ainda eram numerosos. Estácio voltou ao Brasil à frente de dois galeões com reforços, que chegaram a Salvador a 1º de maio de 1563. Após maiores preparativos, partiram em direção ao sul e foram muito bem recebidos no Espírito Santo pelo cacique Araribóia.

Ao entrarem na Guanabara encontraram forte resistência da parte dos tamoios e dos franceses, que continuavam entrincheirados no morro da Glória, perto da arrasada Henryville. A armada portuguesa comandada por Estácio de Sá, um rapaz então com pouco mais de vinte anos, diante daquela resistência inesperada, preferiu largar velas em direção a São Vicente para lá angariar mais reforços. Finalmente, em 1564 se apresentaram outra vez diante da entrada da barra, esgueiraram-se junto ao Pão de Açúcar e ali se instalaram junto ao morro Cara de Cão, local pouco apropriado, mas o único possível naquelas circunstâncias.

Só no início de 1567, após haver recebido mais reforços, Estácio de Sá sentiu-se suficientemente forte para tentar o assalto ao Mont Henry, ou Uruçu-mirim, o nosso atual morro da Glória. O ataque foi um êxito, mas infelizmente o capitão-mor foi ferido no rosto (alguns historiadores afirmam que foi em um olho), por uma flecha envenenada e, após um mês de sofrimentos, veio a falecer. O Dr. Serrão escreveu: “Estácio de Sá morreu

na casa dos vinte e poucos anos e seu juvenil martírio foi envolvido numa sombra de lenda, que lhe tem agigantado a figura”. Já o Dr. Couto foi mais romântico, dizendo: “Morreu tal como o mártir que escolheu para o patrono da cidade - vítima das flechas”.

De Estácio de Sá não restam cartas, nem documentos, mas Mem de Sá confiava em seu sobrinho, pois já manifestara vontade de mantê-lo no comando, no Rio de Janeiro, após a transferência da povoação para o morro da Castelo. Seus restos mortais estão na igreja de São Sebastião, na rua Haddock Lobo, na Tijuca.

Os episódios que cercaram a fundação da cidade do Rio de Janeiro foram cantados em prosa e verso. Em meados do século XIX tivemos o conhecido poema épico *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães (1856), hoje de leitura bastante difícil. De 1965 é o belo *Romanceiro de Estácio*, de Stela Leonardos, editado pela Secretaria Geral de Educação e Cultura, por ocasião do 4º centenário da efeméride. Henrique Orciuoli escreveu *Estácio na Guanabara*, e Frederico Trotta publicou *A fundação da cidade do Rio de Janeiro*, ambos divulgados pelo mesmo editor, em 1965.

Historiadores portugueses não têm demonstrado muito entusiasmo por Estácio. No entanto, o Padre Manuel da Nóbrega, fiel testemunha desta etapa inicial de nossa história, o tinha em boa conta e relatou que Estácio foi incansável na instalação e administração da aldeia inicial, naqueles 22 meses de sua gestão. Conta Elysio Belchior, em seu excelente livro *Conquistadores e povoadores do Rio de Janeiro* (4) que o próprio capitão-mor não tinha muita confiança na verdadeira força da expedição que chefiava. Expondo suas dúvidas ao Padre Manuel da Nóbrega, perguntou-lhe: “Que conta darei a Deus e a El Rei se deitar a perder esta armada?” Ao que lhe teria respondido o jesuíta: “Eu darei conta a Deus de tudo e, se for necessário, irei diante de El Rei a responder por vós”. Esta frase parece atestar a competência e o empenho do jovem comandante português.

Do mesmo modo, o Padre José de Anchieta, que também viera de São Vicente, relatou em sua famosa carta – uma espécie de certidão de nascimento do Rio de Janeiro - que Estácio de Sá desembarcou com 180 homens e “foi logo dormir em terra, dando ânimo aos outros a fazer o mesmo”. Desde o capitão-mor até o mais modesto colonizador cortaram madeira e carregaram pedras “sem haver nenhum que a isso repugnasse”. Estácio exortava os soldados no cumprimento do dever e certa vez teria dito uma

frase que ficou na história - "Levantemos esta cidade que ficará por memória do nosso heroísmo e de exemplo às vindouras gerações para ser a rainha das províncias e o empório das riquezas do mundo". Os cétricos afirmam que não havia taquígrafos nem gravadores na época para registrar tal frase. Seja como for, aceito a relativa autenticidade dessa bonita frase de Estácio de Sá.

Naqueles dois anos (1565-67) os portugueses resistiram a freqüentes assaltos de franceses e tamoios e já no dia 6 de março de 1565, portanto seis dias após a cerimônia da fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, os portugueses sofreram um violento ataque que conseguiram rechaçar "deixando a praia juncada de cadáveres". A chamada "batalha das canoas", que por vezes é encenada nos festejos anuais de 1º de março como um verdadeiro *pageant*, não me parece muito autêntica, mas a comemoração é pitoresca. O capitão-mor foi elogiado por todos por sua "prudência, sizo e constância por levar adiante o determinado." No entanto, Veríssimo Serrão não deixou de afirmar que "a figura de Estácio de Sá continua na penumbra histórica, pois seu tio reivindicou a glória do nascimento da cidade à sua pessoa, sonhando o papel essencial desempenhado pelo seu esforçado sobrinho." Mas o ilustre historiador português esclareceu merecidamente que "a glória da transferência da cidade (da Urca para o morro do Castelo) não se deveu ao governador, pois com ele deu-se apenas a transferência do local". Curiosamente, Serrão não deixou de sublinhar que Estácio de Sá é "uma figura quase ignorada da história". Na verdade, pouco se sabe sobre o pai dele, um dos sete irmãos de Mem de Sá.

Em 1965, por ocasião dos festejos do 4º centenário da fundação da cidade, o governador Carlos Lacerda fez erigir uma pequena pirâmide na curva do aterro do Flamengo, em merecida homenagem a Estácio de Sá. De lá se descortina frontalmente o morro Cara de Cão, à sombra do qual foi semeada a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Olhando à esquerda vemos a ilha de Villegagnon, hoje sede da Escola Naval do Brasil, e também a praia do Flamengo, onde existiu por quatro anos a efêmera Henryville, e mais à esquerda ainda, ao alto, ergue-se o morro da Glória, o Mont Henry, onde resistiram os franceses por sete anos depois da queda do forte Coligny. E daquela curva do aterro descortina-se uma das mais belas vistas do Rio, dominada pelo *Pot-au-beurre* (o pote de manteiga) – como diziam os franceses – o nosso tão querido Pão de Açúcar.

Destarte, assim como Buenos Aires teve dois fundadores: Pedro de

Mendoza em 1535 e Juan de Garay em 1575, nosso Rio de Janeiro também teve, no sentido lato, dois fundadores, ou podemos dizer até mesmo três fundadores: Gonçalo Coelho, na ilha do Governador, em 1504, Nicolas Durand de Villegagnon na praia do Flamengo em 1556, e Estácio de Sá na Urca, em 1565. Portanto, a pergunta do título deste artigo é ociosa. Devemos honrá-los a todos, como escreveu o Padre Manuel da Nóbrega ao Cardeal D. Henrique, de Portugal : “Aqui está o que há de melhor no Brasil”.

Seria oportuno, portanto, elevarmos um obelisco na praia do Flamengo, na foz do rio Carioca, em recordação da Henryville, de Villegagnon, que por bem pouco não chegou a ser a capital da França Antártica. Lembro que, por ocasião da queda do Forte Coligny, havia nos portos da Mancha mais de três mil famílias calvinistas perseguidas pelos católicos já registradas para viajarem imediatamente para a Guanabara. Se eles tivessem chegado meses antes, Mem de Sá não teria tido forças para atacá-los e muito menos para destruir a promissora colônia francesa. Isso não quer dizer que os cidadãos cariocas, se hoje estivessem falando francês, seriam mais felizes, ou mais cultos ou mais prósperos. As experiências coloniais francesas, com exceção do Canadá, não foram nada brilhantes.

Seja como for, o Congresso de História Nacional, a 5 de junho de 1913, determinou que fosse erguido um marco comemorativo da fundação do Rio de Janeiro. Em conseqüência, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a 20 de janeiro de 1915, tomou a iniciativa de erigir o marco na Urca, na Praia de Fora, para celebrar o feito de Estácio de Sá. O mesmo IHGB bem que poderia tomar igual iniciativa agora e fazer colocar um obelisco, feito com pedras da ilha de Villegagnon, defronte ao início da rua Barão do Flamengo, para perpetuar a memória de Henryville e do lendário almirante francês. Com o ilustre almirante Max Justo Guedes, Diretor do Patrimônio da Marinha, no sentido de que ele faça construir um pequeno monumento a Gonçalo Coelho, na Praia do Matoso, terreno da Marinha, como o responsável pela primeira instalação européia na baía da Guanabara, uma simples *torre*, uma feitoria apenas naquele local em 1504. Assim seja !

** Embaixador. Membro titular do IHGB.*

Bibliografia

(1) Joaquim Veríssimo Serrão - *O Rio de Janeiro no século XVI*, Comissão Nacional das comemorações do 4º centenário do Rio de Janeiro, Lisboa, 1965, 1º volume.

(2) Na publicação “Os Mediterrâneos e os Atlânticos” (páginas 113-137), atas do 2º Curso Internacional de Verão, em julho de 1995, em Cascais.

(3) Jorge Couto - *A Construção do Brasil*, Edições Cosmos, Lisboa, 1995, pg. 237.

(4) Livraria Brasileira Editora, Rio de Janeiro, 1965.